

O “LIVRO VIAJANTE”: a hipertextualidade e a interatividade como ampliadores da experiência de leitura da literatura

THE “TRAVELING BOOK”: hypertextuality and interactivity as amplifiers of literature reading experience

Luciana Gracioso | Nathalia Cardoso Pereira

Resumo: A pesquisa buscou identificar o quanto que a hipertextualidade e a interatividade, mesmo estando desvinculadas do uso de tecnologias, se confirmam como estratégias que podem ampliar a experiência de leitura. Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo. O método utilizado foi o *ex post facto* baseado em um projeto “Livro Viajante” que consistiu em colocar dois livros para “viajar” entre quarenta leitores incentivando-os a interagirem com as obras. Os livros viajantes eram *E não sobrou nenhum*, de Agatha Christie e *A Playlist de Hayden*, de Michelle Falkoff. Como resultados foram estabelecidos níveis de análise sobre a Leitura Ampliada (que variam de 1 a 7), que foram indicados nos exemplos retirados dos livros oriundos do projeto. Os resultados confirmaram diferentes níveis de ação de leitores nas obras e entre leitores, que ampliam a experiência de leitura.

Palavras-chave: Hipertextualidade; Interatividade; Leitura colaborativa

Abstract: The research sought to identify how hypertextuality and interactivity, even when unrelated to the use of technologies, are confirmed as strategies that can broaden the reading experience. This is an exploratory research of qualitative nature. The method used was the *ex post facto* based on a “Traveling Book” project that consisted of putting two books to “travel” among forty readers encouraging them to interact with the works. The traveling books were *And then there were none* by Agatha Christie and *A Playlist of Hayden* by Michelle Falkoff. As a result, analysis levels were established on the Extended Reading (ranging from 1 to 7), which were indicated in the examples taken from the books from the project. The results confirmed different levels of readers’ action in the works and among readers, which broaden the reading experience.

Keywords: Hypertextuality; Interactivity; Collaborative reading

Introdução

Ler é um ato de percepção. Por meio da leitura resgatamos nossas lembranças, fazemos analogias com o mundo em que vivemos, traçamos cotidianos imaginários, nos tornamos críticos e viajamos para lugares nunca antes visitados. Leitores não são iguais. Cada leitor possui uma experiência única e individual e é aí que está o magnetismo que a leitura proporciona. A importância da leitura está intrínseca no conhecimento de mundo que cada indivíduo carrega consigo. Segundo Brito (2010) “o leitor é sempre parte de um grupo social, certamente carregará para esse grupo elementos de sua leitura, do mesmo modo que a leitura trará vivências oriundas do social, de sua experiência prévia e individual do mundo e da vida”.

“Ler não é adivinhar e nem decifrar os significados. Ler é reformular esses significados tantas vezes quantas forem necessárias a partir do encontro entre novas ideias e opiniões [...]” (BRITO, 2010). A partir desse pressuposto a leitura pode ser considerada uma prática compartilhada que, além de ser um ato do indivíduo, pode fazer com que se caminhe em diversos mundos através de diferentes interpretações a partir de um único texto.

Cada livro, cada volume que você vê, tem alma. A alma de quem o escreveu, e a alma dos que o leram, que viveram e que sonharam com ele. Cada vez que um livro troca de mãos, cada vez que alguém passa os olhos por suas páginas, seu espírito cresce e a pessoa se fortalece (ZAFÓN, 2007:9).

Este trecho tirado do livro *A Sombra do Vento*, de Carlos Ruiz Zafón (p. 9) foi o ponto inicial para que o projeto “Livro Viajante” se tornasse real. A ideia de que um livro deve se manter intacto para fazer volume na estante e satisfazer seu bibliófilo começa a se desfazer no momento em que Zafón diz que cada livro ganha sua alma quando a alma de cada leitor ficou guardada nele. A ideia do projeto é justamente levar o livro aos seus leitores para que cada um deixasse um pouquinho de sua alma em suas páginas e o tornasse um exemplar único. “O significado de um livro não está determinado em suas páginas; é construído por seus leitores” (BURKE, 1992:226).

O projeto “Livro Viajante” surgiu no final de 2015 como uma comemoração dos dois anos que o canal do *youtube* “Nathalia Cardoso Leu” estava no ar. O projeto consistia em colocar dois livros para viajar entre quarenta leitores (vinte leitores para cada um dos livros) de diferentes cidades e estados brasileiros inscritos do canal, sendo eles “E não sobrou nenhum” de Agatha Christie e “A playlist de Hayden” de Michelle Falkoff. A condição para cada participante atuar no projeto era de que cada leitor sempre grifasse frases e palavras relevantes para si e registrasse seus sentimentos com a leitura em cada parágrafo ou página que sentisse necessidade. Com isso, do primeiro ao último leitor, foi criada uma rede de colaboração em leitura através da hipertextualidade contida e registrada em cada página.

O final do projeto significou ter em mãos dois livros repletos de marginálias, grifos, opiniões, sentimentos e troca de conhecimentos entre os participantes do projeto.

Por acaso, quando não existiam televisores, nem computadores, havia uma maneira normal de ser leitor? Não se lê da mesma forma que Cervantes, Kafka, Borges, Chandler, Tolstoi, Joyce, nem eles, que puseram tantas personagens a ler, as imaginaram idênticas [...]. Qual crítico contemporâneo - nem mesmo os defensores de algum cânone - iria pretender que existe uma única maneira de ler esses autores? (CANCLINI, 2008:59).

Neste contexto, é que se definiu o objetivo geral dessa pesquisa que se propõe identificar o quanto que a hipertextualidade e interatividade se confirmam como estratégias que podem ampliar a experiência de leitura mesmo estando desvinculadas do uso de tecnologias e para confirmar isto apresentar o resultado final do projeto colaborativo entre leitores, “Livro Viajante”. A partir deste escopo, os objetivos específicos foram: definir o que é leitura, leitores e livro; conceituar, analisar e discutir sobre o hipertexto, quais seus limites, alcances e possibilidades; discutir a interatividade, como é a promoção de uma rede de interação e/ou colaboração; conceituar e discutir sobre marcações nas margens dos livros, as marginálias; estabelecer níveis para observação de ações de leitura ampliada; tecer considerações sobre a hipertextualidade e Interatividade como recurso para a leitura ampliada de livros.

Para atingir estes objetivos, foram feitas as seguintes opções metodológicas: trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo de cunho teórico que aborda os temas: hipertextualidade, rede de interação e colaboração entre os leitores durante a leitura, gêneros textuais e marginálias. A análise exploratória e descritiva da literatura disponível

sobre o tema proposto permitirá a construção de um conhecimento teórico sobre como o hipertexto realizado em colaboração, desvinculado do uso de tecnologias, juntamente com a interatividade entre os leitores, pode se configurar como um recurso da leitura ampliada da literatura. Para a contextualização teórica foram utilizadas as fontes bibliográficas e documentais como fundamentação para os resultados, por essa razão, a pesquisa refere-se a uma pesquisa bibliográfica com relato de experiência.

A pesquisa também é descritiva uma vez que será pautada no relato e na análise do desenvolvimento e dos resultados do projeto “Livro Viajante”, estabelecendo considerações que relacionam o resultado prático do projeto com as abordagens teóricas apresentadas para fundamentar as ações nestas desenvolvidas. O pressuposto é que seja possível apresentar a prática da hipertextualidade desvinculada das mediações tecnológicas e mesmo assim, reconhecê-la como recursos importantes para a ampliação da leitura de livros.

A metodologia utilizada para a produção deste trabalho foi a conhecida como *ex post facto* com tradução literal de “a partir do fato passado”, pelo fato de ser uma pesquisa baseada em um projeto realizado e finalizado sem o intuito de ser um objeto de pesquisa. De acordo com Gil (2008), uma pesquisa como esta “são feitas inferências sobre a relação entre variáveis sem observação direta, a partir da variação concomitante entre as variáveis independentes e dependentes”.

Na pesquisa *ex-post-facto* a manipulação da variável independente é impossível. Elas chegam ao pesquisador já tendo exercido os seus efeitos. Também não é possível designar aleatoriamente sujeitos e tratamentos a grupos experimentais. A pesquisa *ex-post-facto* lida com variáveis que, por sua natureza não são manipuláveis, como: sexo, classe social, nível intelectual, preconceito, autoritarismo, etc. (GIL, 2008:54).

É importante ressaltar que no âmbito deste trabalho, estamos usando a metodologia *ex post facto* com moderação por não ser muito utilizada na Ciência da Informação, portanto sem aprofundamentos.

Para conseguirmos elencar o quanto a hipertextualidade e a interatividade entre os leitores e sabermos em que medida esses itens promoveram uma leitura ampliada, estabelecemos categorias, criadas a luz de referencial teórico e observação do próprio projeto, sobre níveis de hipertextualidade e interatividade, que estão sendo observados e qualificados a partir de exemplos retirados dos livros oriundos do projeto “Livro viajante”. Assim, como resultados metodológicos foram estabelecidos:

Nível 1: Possui grifos;

Nível 2: Possui desenhos/referências (*emoticons*, *memes*, etc.);

Nível 3: Possui anotação;

Nível 4: Há anotação e indica outras leituras fora da obra;

Nível 5: Há anotação e indica acesso a outros recursos/suportes fora da obra;

Nível 6: Há anotação e remete a outra anotação já feita na obra;

Nível 7: Há anotação e influenciou na compreensão do texto do outro leitor.

Estes níveis foram analisadas em diferentes trechos dos livros e como resultado foi possível verificar que a hipertextualidade e a interatividade, em diferentes níveis, promovem a leitura ampliada da literatura.

Percursos teóricos: em busca de uma definição sobre “leitura ampliada”

Um dos principais objetivos específicos desta pesquisa foi trabalhar na concepção de leitura, livro e leitor. “Pela leitura, o ser humano não só absorve o conhecimento, mas também pode transformá-lo, em um processo de aperfeiçoamento contínuo” (PRATES, 2010). Tendo isso em mente, a pesquisa se guiou na concepção de que a leitura pode ser um processo de transformação tanto do leitor quanto do objeto de leitura, no caso o livro. “[...] os autores não escrevem os livros, mas que estes são objetos que requerem numerosas intervenções” (CHARTIER, 2001:10). O trabalho se conduziu a respeito dessas intervenções do leitor que, talvez possamos caracterizá-los como parte da produção do sentido de outros leitores para com o contexto do que foi lido, o hipertexto manuscrito. Chartier (2001:22) também ressalta como os leitores realmente podem se tornar o outro elo da leitura, se posicionando através dela, “os leitores são autores potenciais e, desta maneira, existe um controle implícito sobre a interpretação [...]”.

Logo depois de termos esses conceitos em mãos, começamos a trabalhar com a proposta de caracterizar e analisar o conceito de hipertexto, quais seus suportes, limites, alcances e possibilidades, “Será que todo hipertexto só ocorre e é possível em ambiente virtual?”

A noção de hipertexto tem provocado muitas discussões a respeito da leitura e da produção de textos, bem como da caracterização de textos, dos fatores de textualidade, entre outros. Acreditamos que, muitas vezes, essas discussões são acompanhadas de uma dose de exagero sobre as mudanças que o formato hipertextual pode acarretar nas atividades do leitor e do escritor (COSCARELLI, 2006).

Quando se lê a palavra “hipertexto”, o cérebro automaticamente remete a algo digital ou eletrônico. A pesquisa tentou transpor essa barreira esforçando-se para desmembrar o conceito e trazê-lo para algo analógico. Afinal, de acordo com Rissi (2009). “A leitura hipertextual possui características próprias. Ler um texto em escrita hipertextual requer do leitor atenção a um novo formato textual”.

Lemos buscando, como rastreadores, esquecidos de onde estamos. Lemos distraidamente, pulando páginas. Lemos com desprezo, admiração, negligência, raiva, paixão, inveja, anelo. Lemos em lufadas de súbito prazer, sem saber o que provocou esse prazer. [...] Lemos em movimentos longos, lentos, como que pairando no espaço, sem peso. Lemos com preconceitos, com malignidade. Lemos generosamente, arranjando desculpas para o texto, preenchendo lacunas, corrigindo erros (MANGUEL, 1997:340).

Discutimos a questão da interatividade e o que é promover uma rede de interação e/ou colaboração. Segundo Bakhtin (1997:11), “a sociabilização completa só ocorre quando o

homem, agrupado a seus semelhantes, objetivando interesses comuns, troca conhecimentos e ideias com esses seus semelhantes, e com isso, há o crescimento individual e social”. A partir desse conceito, a criação de uma rede de interação entre os leitores com a colaboração de cada um durante a leitura, pode tornar a experiência mais completa e atrativa criando uma sociabilização. Este foi um ponto ponderado durante a pesquisa.

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. [...] o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. (CHARTIER, 1999)

Segundo Vera Teixeira de Aguiar (2004), a leitura é um processo de comunicação que, todavia, somente acontece quando leitor de fato apreende o conteúdo lido e **posiciona-se frente a ele**; ocorre, assim, o ato de ler (*apud* PRATES, 2010, grifo nosso). Sendo a leitura um ato de comunicação e essa comunicação uma forma de “conversa” entre os leitores de um livro em comum, coube a esta pesquisa identificar uma comunicação entre leitores no próprio livro, ou seja, as *marginalias*, que torna o leitor parte do conteúdo a ser lido e que, conseqüentemente, o torna autor.

Devemos considerar a cultura do escrito em sua totalidade e analisar problemas como o controle sobre a escrita, a diferença entre as duas aprendizagens, os valores envolvidos em cada uma das formas de comunicação, etc. Temos aqui toda uma série de problemas vinculados à articulação ou à diferença entre escrever e ler. Por outro lado, observamos que o mundo do escrito é uma totalidade e que os modelos impressos podem guiar ou ordenar as práticas manuscritas, [...] que a leitura pode conduzir imediatamente à escrita. (CHARTIER, 2001:85).

As *marginalias*, escrituras nas margens dos livros, não somente nos livros viajantes do projeto, mas em qualquer livro que contenha uma inscrição, uma dedicatória, ou até mesmo um simples grifo ou pequeno comentário em suas margens, trazem consigo algo a mais para o leitor que teve acesso ao livro com estes tipos de marcações. Manguel (1997:30) já havia comentado sobre esse magnetismo quando comprou um exemplar de segunda mão da autobiografia de Kipling em Buenos Aires, onde se encontrava um poema manuscrito na folha de guarda e se pegou pensando:

O poeta improvisado que possuía esse exemplar seria um imperialista ardoroso? Um amante da prosa de Kipling que via o artista através da pátina jingoísta? Meu predecessor imaginado afeta minha leitura porque **me vejo dialogando com ele**, defendendo essa ou aquela posição. Um livro traz sua própria história ao leitor (grifos nossos).

Assim a partir deste percurso teórico buscamos desenhar o que iremos assumir como Leitura ampliada nesta pesquisa. De modo geral esta expressão remete a uma forma de leitura tátil para a educação de pessoas com deficiência visual ou então como uma

ampliação de referências de conhecimento em um projeto em museus pela observação de diversos universos inseridos numa exposição. Mas demandávamos por uma expressão que englobasse a leitura abraçando a hipertextualidade e a interatividade entre os leitores como um método específico de leitura conjunta em um único suporte. Estudamos e pesquisamos as duas palavras juntas, *leitura + ampliada*, e o que foi encontrado não satisfazia nosso contexto de demonstração do objeto de pesquisa. Portanto nossa definição aproximada, para este trabalho, de *Leitura Ampliada* é uma leitura que, através de hipertexto analógico e interatividade entre um determinado número de leitores em um mesmo suporte, pode abrir caminhos para diversas vivências, remeter outras leituras, discutir parâmetros e, principalmente, manter todos esses registros em um único livro, tornando-o único e diferenciado de seus outros exemplares. A *Leitura Ampliada*, em suma, é uma expressão que pode trazer uma infinidade de possibilidades de fazer com que a arte de ler seja transformada em algo além do que o autor nos trouxe, é uma prática a ser explorada e incrementada por mediadores e, possivelmente, estimular atividades como esta em bibliotecas para a promoção de leitura.

Apresentação e discussão dos resultados

Pontualmente foi o objetivo principal desta pesquisa identificar o quanto a hipertextualidade e interatividade se confirmam como estratégias que podem ampliar a experiência de leitura, mesmo estando desvinculadas do uso de tecnologias, e com o projeto “Livro Viajante” em mãos para que pudéssemos analisar o que tínhamos de resultados vindo dos participantes leitores e, através dos objetivos que guiaram essa pesquisa num todo, foi possível observar e analisar esses resultados para que pudéssemos expô-los aqui.

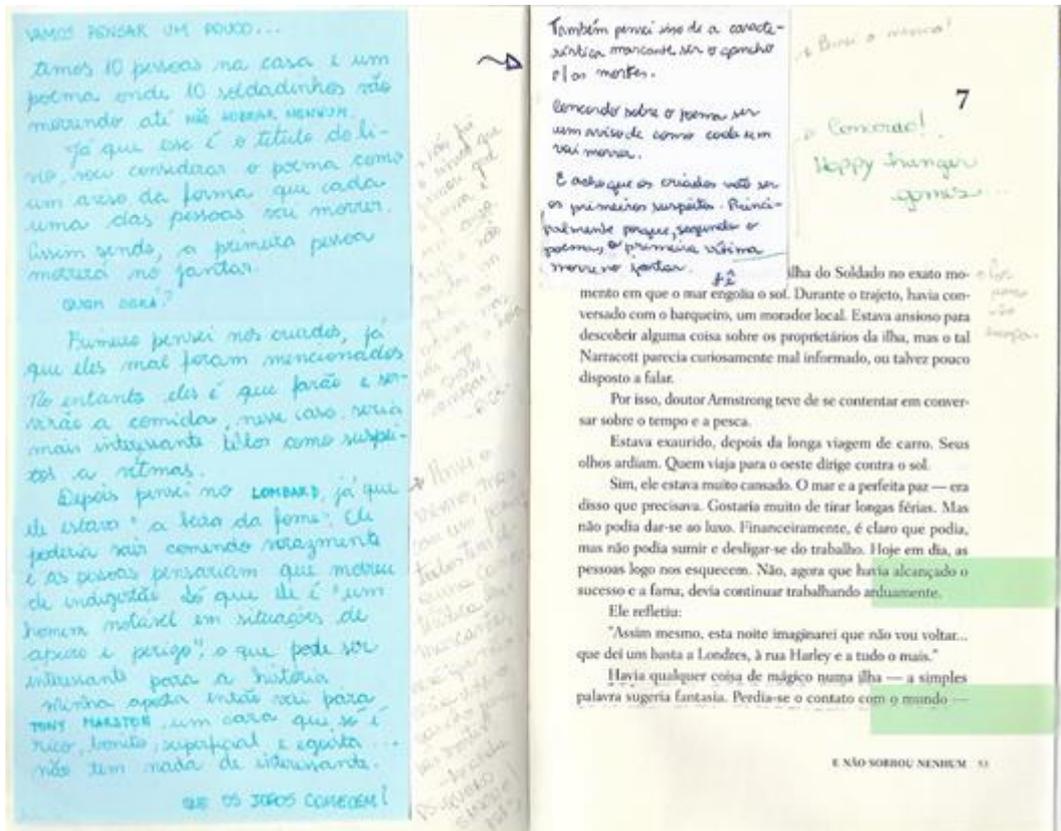
Como mencionado na metodologia desta pesquisa, criamos critérios de avaliação da *Leitura Ampliada*, em níveis de interatividade e hipertextualidade, que chamaremos aqui de ‘Níveis de Análise em *Leitura Ampliada*’ no âmbito do projeto “Livro Viajante”, de acordo com o que foi dito na introdução sobre o ato de leitura não convencional. Quanto maior o nível indicado (que irá variar de 1 a 7), maior será a prática/vivência da *Leitura Ampliada* pelo leitor, isto é, quanto maior o nível aferido, maior terão sido as ações e reações de hipertextualidade e interatividade entre os leitores, entre os leitores e a obra e entre os leitores e conteúdo fora da obra.

Considerando a natureza *ex post facto* desta pesquisa, a definição de critérios para a identificação dos níveis de *Leitura Ampliada* foi estabelecida, em um primeiro momento, partindo das interferências já feitas pelos leitores nos livros viajantes, nivelando-as a partir da intensidade e da quantidade destas interferências. Ao mesmo tempo, estas categorias revelam os níveis de *Leitura Ampliada* (resultado das ações de hipertextualidade, interatividade e produção de *marginalias*).

Foram feitas, ao todo, 11 análises, sendo sete da obra *E não sobrou nenhum*, de Agatha Christie e quatro da obra *A Playlist de Hayden*, de Michelle Falkoff. Para fins de exemplificação, neste artigo, serão apresentados dois exemplos de cada extrato analisado de cada obra.

Páginas selecionadas do livro “E não sobrou nenhum” de Agatha Christie

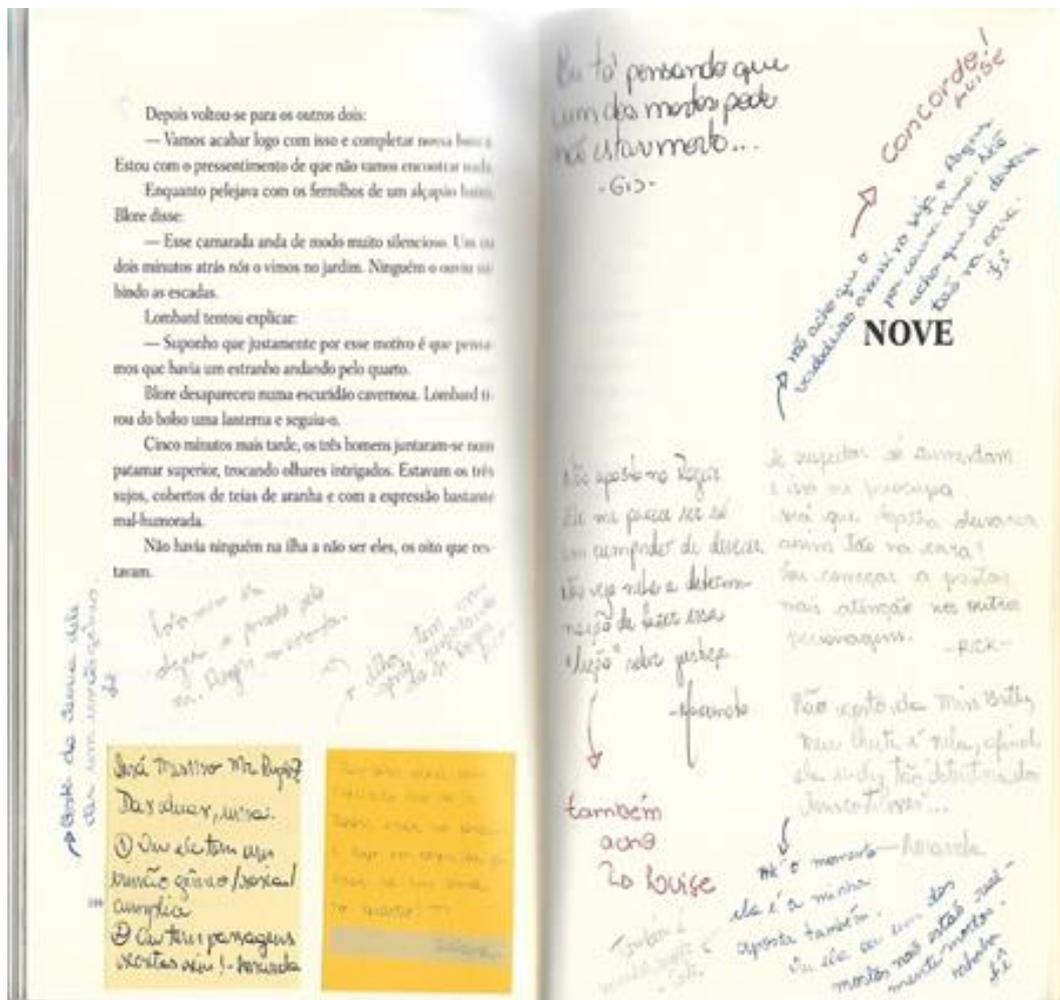
Fig. 1 – p. 53: NÍVEL 3 e NÍVEL 4



Fonte: Livro *E não sobrou nenhum*, de Agatha Christie (p. 53)

Pode-se observar uma leitora expondo sua grande teoria sobre o que estava se passando na narrativa naquele determinado ponto levando à interação e debate sobre o ponto entre outros leitores, e podemos ver também uma outra leitura sendo mencionada como referência quando o leitor escreve *Happy Hunger Games* que remete à uma frase conhecida do livro *Jogos vorazes* de Suzanne Collins.

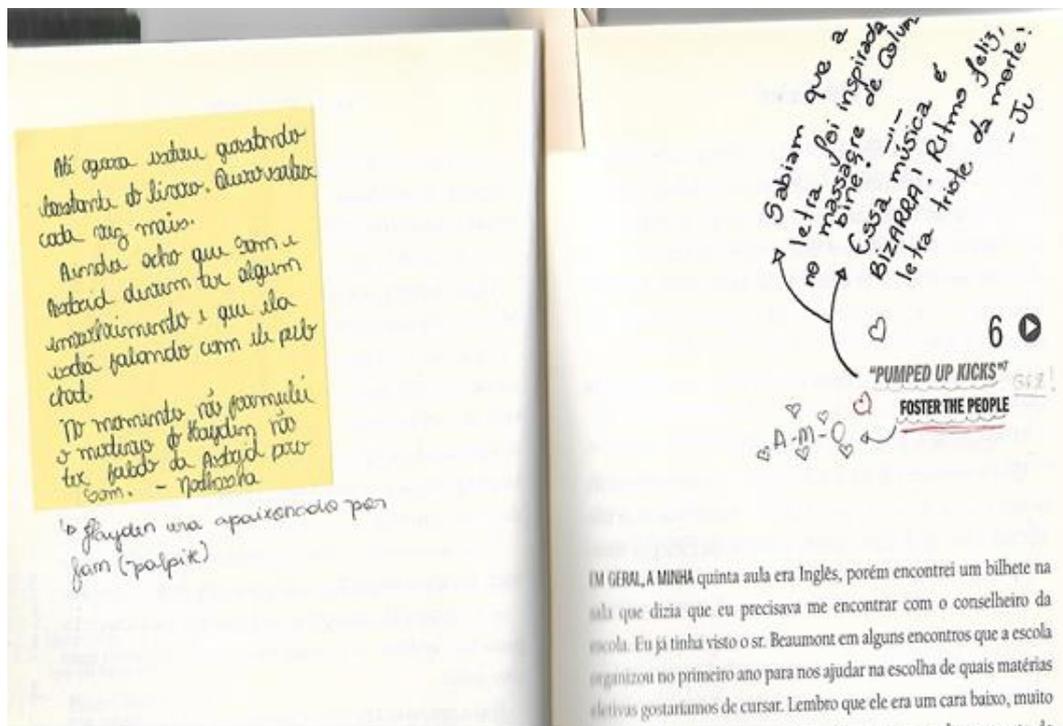
Fig. 2 – p. 188: NÍVEL 3 e NÍVEL 7



Fonte: Livro *E não sobrou nenhum*, de Agatha Christie (p. 188)

Nesta digitalização, podemos perceber diversas anotações com constatações e teorias com uma forte interação e debate entre os leitores. Dando ênfase na anotação inferior esquerda onde um dos leitores sugere uma teoria *Ou ele tem um irmão gêmeo/sósia/cúmplice* e outro leitor comenta a teoria com *Gostei da teoria dele ter um irmão gêmeo*. Neste cenário, podemos sugerir que o leitor que disse gostar da teoria feita pode ter tido uma mudança de perspectiva de interpretação a partir dessa conjuntura.

Fig. 4 – p. 57: NÍVEL 3



Fonte: Livro *A Playlist de Hayden*, de Michelle Falkoff (p. 57)

Esse comentário também nos trouxe uma anotação com questão de informação. Só que neste caso, o leitor nos trouxe uma informação que requer mais informações. A autora nos deu um nome de uma música como título do capítulo, o leitor complementou a letra da música (destinado aos que colocaram para ouvir durante a leitura) fazendo com que o próximo leitor pesquise o que foi o *massacre de Columbine* se não souber do ocorrido, fomentando assim, mais informação além da intrínseca no próprio livro.

De um modo geral, estes exemplos seguidos de suas respectivas análises confirmam a eficácia do instrumento de observação desenvolvido (níveis de 1 a 7) sobre as ações de Leitura Ampliada, e também demonstram quão variado e enriquecedor pode ser também, o ato de Ler, quando são permitidas e incentivadas estas formas de intervenção e compartilhamento de percepções e informações entre leitores e obras.

Considerações finais

O objetivo principal da pesquisa que propunha identificar o quanto que a hipertextualidade e a interatividade se confirmam como estratégias que podem ampliar a experiência de leitura foi alcançado e, com as análises dos resultados, fomos capazes de observar o quanto um hipertexto, aqui no contexto de marginalias, colocado em meio à uma leitura teoricamente linear, pode interferir e culminar na sociabilização de interpretações e, também, como isto foi capaz de se realizar em um meio analógico completamente desprovido de tecnologias.

A aplicação dos níveis de análise sobre a Leitura Ampliada se mostrou satisfatória enquanto recurso metodológico, permitindo um olhar mais estruturado e categorizado sobre as ações de leitores, sobre o livro e seus outros leitores. Ao mesmo tempo foi possível explicitar, com a aplicação dos níveis, o quanto que a intervenção, a participação, a cooperação e o compartilhamento de percepções dos leitores sobre uma obra, podem surtir diferentes impactos na leitura por outros leitores, desta mesma obra. Estes resultados nos alertam para que nos dediquemos a desenvolver, aperfeiçoar e avaliar constantemente, técnicas, recursos e estratégias que propiciem uma experiência rica, inusitada e libertadora no ato de ler.

É importante destacar que não tivemos como objetivo discutir e analisar, no âmbito da Organização do Conhecimento, aspectos que dizem respeito a representação temática, ou tratamento temático da informação. No entanto, ao confirmarmos que a hipertextualidade e a interatividade agregam conteúdos e interferem em diferentes níveis na leitura de uma obra, deixamos como sugestão para pesquisas futuras que estes elementos possam também vir a ser considerados como objetos da Análise Documentária, e dos estudos de Mediação e Apropriação da informação.

Referências bibliográficas

BAKTHIN, Mikhail

1997 *Diálogo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 1997.

BRITO, D. S.

2010 A Importância da leitura na formação social do indivíduo. *Faculdade Dom Domênico*. 4:8 (2010).

BURKE, P.

1992 *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CANCLINI, N. G.

2008 *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CARDOSO, Nathalia

[20--] 2 anos de canal – Projeto. [Em linha]. [20--]. [Consult. 4 out. 2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BhEoTp85NA8>>.

CHARTIER, R.

2001 *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

CHARTIER, R.

1999 *A Aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

COSCARELLI, C. V.

2006 Os Dons do hipertexto. *Littera: revista de Linguística e Literatura*. 4:4 (jul./dez. 2006) 7-19.

GIL, A. C.

2008 *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MANGUEL, A.

1997 *Uma História de leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PRATES, A. E.

2010 *Entre o livro e a leitura: um clic de mediação*. 2010.

Dissertação de mestrado em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RISSI, G. C.

2009 *Hipertexto e estratégias de leitura*. 2009.

Dissertação de mestrado em Língua Portuguesa - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

ZAFÓN, C. R.

2007 *A Sombra do vento*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2007.

Luciana Gracioso | lugracioso@yahoo.com.br

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil

Nathalia Cardoso Pereira | naahcardosoleu@gmail.com

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil